

O CONCEITO DA IDADE MÉDIA NA PROSA DE ANTERO DE QUENTAL

David J. Viera

Embora os sonetos de Antero de Quental tenham recebido muita atenção depois da sua morte, um edição crítica e um estudo compreensivo dos seus ensaios têm sido infelizmente descuidados. O conceito da Idade Média e a influência de Jules Michelet na sua perspectiva histórica ainda estão para analisar. (1) Um estudo das idéias de Antero sobre a Idade Média merece uma investigação sutil por duas razões importantes: 1) não se pode separar a Idade Média do cristianismo e da religião, os quais foram uma obsessão para o poeta açoreano; 2). as idéias de Antero foram sujeitas a mudanças constantes, devido a que os pensadores filosóficos e socialistas mais avançados da sua época como von Hartmann, Proudon, Kant, Hegel, Comte, Vico e outros facilmente influenciaram Antero. Por isso foi decidido que uma discussão do conceito da cultura medieval na prosa anterioriana deve ser estudada cronologicamente, o seja, analisando-a tal como progrediu nos ensaios e na correspondência do poeta português, em vez de subdividir e analisar sistematicamente os diversos aspectos do tema, por exemplo, a Idade Média na península Ibérica vis-à-vis a Europa medieval, e aliás um apreçamento social, político, literário e religioso da época medieval.

O primeiro ensaio de Antero, escrito durante os seus anos em Coimbra, exprime crenças tradicionais sobre o tema da Idade Média. O seu primeiro ensaio, «Educação das mulheres,» descreve o transe da mulher medieval como uma espécie de escravidão: «tudo hoje trabalha com afã em remir a mulher da escravidão da Meia-Idade.» (2) Antero propôs as suas impressões da Idade Média hispânica num ensaio contido nos seus «Esbocetos biográficos,» datadas entre 1859 a 1860. A Idade Média destruiu e reconstruiu a civilização romana, um processo que foi interrompido pelas invasões árabes na península Ibérica. Antero exprimiu uma atitude positiva acerca da Idade Média hispânica que êle imaginava uma época extremadamente produtiva em que o povo podia exprimir livremente as características vitais e indígenas da sua cultura. O cristianismo é concebido como uma força positiva que ia transmitir a sua mensagem religiosa e filosófica aos tempos modernos. (3)

Cinco anos depois de publicar o seu primeiro ensaio, Antero começou a formar as suas idéias concretas sobre cultura medieval; é aqui quando a influência de Michelet no conceito anterioriano da história cultural e, em particular, na civilização medieval chega a definir-se. Antero sentia admiração pelo historiador francês, correspondia com êle, (4) e até chegou a conhecê-lo na França, apresentando-se como um Bettencourt, descendente dos reis das Ilhas Canárias. (5) Não foi só o estilo pessoal do francês que cativou o poeta

açoreano; êste leu e exprimiu as idéias daquêle, cujas obras numerosas formaram parte da biblioteca anteriana. (6) Michelet publicou *La Bible de l' Humanité* em 1864. (7) Antero leu esta obra, e em fevereiro do ano seguinte publicou «A Bíblia da Humanidade — Ensaio Crítico.» Porém, poucos reconheciam o impacto daquêle livro francês e das obras anteriores de Michelet, *Le Peuple* (1846) e *La Sorcière* (1863), no conceito histórico de Antero. Michelet cria que a vitalidade, a faculdade criadora e o amor humanos se findaram depois da queda da civilização helênica. Entre as culturas da antigüidade de que Michelet amava, há as civilizações indiana e oriental, que Antero reverenciava depois de ler von Hartmann, Michelet e outros. As idéias que Antero partilhava com Michelet começa a vir à tona em «A Bíblia da Humanidade,» e continuam a ser exprimidas noutros ensaios. O Deus da Humanidade é comparado com uma bela flor, numa dos trechos mais líricos da prosa anteriana:

Religião doce e humana, que não despreza uma palavra de criança, o sonho dum coração de mulher, o presentimento da mais humilde consciência! É como o olho do sábio que se esquece horas sem conto na contemplação do mais estreito cálix duma flor, sem nome desses campos! No cálix da flor, diz o poeta, se encerra a beleza toda do universo — e que profundos e desconhecidos tesouros de beleza e verdade não guarda o coração dum simples?!... (8)

Este culto panteísta do homem e da natureza termina da Idade Média:

A Idade Média não compreendeu isto. Seu grande génio sublime como Poesia, acho-o aqui estreito e acanhado como Razão. Porque do chão saiu um dia essa flor maravilhosa, a mais bela entre todas no jardim do espírito, chamada **unidade**, pareceu-lhe ter morrido a força geradora da terra e tornar-se impossível nova florescência, outra primavera, outro perfume.

Michelet e Antero detestavam mais que nada dois aspetos da Idade Média: a unidade e o dogma:

Fez o Dogma e fecho-se nele como num sepulcro. Largo sepulcro, em verdade, como para Deus, e todo mármores e ouro... mas, ainda no túmulo de Cristo, o frio que se sente é sempre o frio da morte! (10)

Antero escreveu dois ensaios em 1865, ambos publicados em 1866, em que êle citou e aprovou as idéias de Michelet sôbre a história cultural. Em «Espontaneidade,» Antero afirmou que a existência dum dogma e dum sistema filosófico na Europa medieval, prудuziu uma falta de inquirimento e de liberdade intelectual. Em «O Futuro da Músicam,» (1865), Antero revelou as suas atitudes mais negativa acêrca da Idade Média, que êle descreve como «um organismo, monstruoso sim e desproporcionado, mas vivo e completo.» A Idade Média representa uma forma completa de vida moral, social, política e econòmicamente. Tem um movimento e um espírito, a aristocracia feudal e a cristandade, que se nutrem nas suas fôrças: o mal e a ignorância, a miséria e a superstição. Antero caracterizou a Europa medieval como «um silêncio opressivo) e «um braço, uma mão de ferro pesado fisicamente sobre o peito.» (11) A debilidade gradual das suas fôrças causou o derribamento da

Idade Média: «a Idade Média desespera,» palavras que Michelet forjou em *La Sorcière*. A Renascença forneceu à Europa uma perspectiva cultural e um sistema socio-económico mais livre. O espírito da Renascença e da Reforma continua no século XIX, segundo Antero, e a ânsia da Antiguidade e da Idade Média caracterizou ambas a Renascença e a Reforma.

A princípio de 1865, Antero publicou a «Defesa da carta encíclica,» na qual atacou violentamente os defensores do «racionalismo cristão» e o «catolicismo liberal,» chamando êstes ismos antitéticos e corroborando a condenação de PIO IX com um sentido irônico. Antero cria a «A Igreja negará liberdade, direito e ciência: Porque essas três forças esplêndidas a embalsamarem o ar da vida, para que brilhassem ao sol da glória.» (12) A Idade Média, apesar da sua conformidade e falta de inquirimento intelectual, assim como da investigação científica, segundo Antero, era sincera:

Mas na Idade Média, tão ignorante e confusa todavia, todos viam a contradição, todas as inteligências lhe sentiam o abalo — e a Idade Média era lógica e justa, proscrescia a liberdade, bania a ciência e ao sábio queimava-o em holocausto ao absoluto! (13)

A «época coimbrã» já concluído, Antero começou a dirigir a atenção para a história da Ibéria, uma mudança que efetua uma concepção mais positiva da Idade Média. No seu «Portugal perante a revolução de Espanha» (1868), Antero imaginou a Idade Média e a Renascença, «séculos XI XVI» como «Duas edades em tudo mais hostis, o passado feudal e o presente democrático.» (14) Embora desaprove o feudalismo, louva, na sua aprovação da federação de Espanha, um assunto contemporâneo, a história e cultura medievais da Castela e Catalunha. As idéias propostas neste ensaio são desenvolvidas ainda mais nas «Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos tres séculos,» que formou parte das «Conferências Democráticas» e que foi apresentado no dia 27 de maio, 1971.

A influência dos últimos estudos de Michelet começa a diminuir durante esta época. A existência de pequenos reinos independentes e enérgicos e da Igreja Ibérica, que era independente da governação do pontífice romano, foi aplaudida por Antero. As idéias de Antero sobre a Idade Média como uma unificação desanimada e dogmática, não são aplicáveis à Ibéria medieval, cujos habitantes, «fazem a religião, não a aceitam feita.» (15) A decadência da Ibéria, segundo Antero, aconteceu no século XVI, devido a três causas: o Concílio de Trento, o Absolutismo, e a expansão marítima, os quais sufocaram a liberdade da expressão religiosa e política.

No 24 de fevereiro de 1873, Antero publicou uma recensão dum livro de J. P. Oliveira Martins, *Teoria do Socialismo*, um estudo que provocou uma polémica calorosa entre três intelectuais notáveis da época. Oliveira Martins concluiu nesta obra que a Idade Média representa uma regressão e declínio na evolução da civilização. (16) Antero, porém, substituiu a teoria da «interrupção do desenvolvimento» com a de «uma crise orgânica.» (17) Esta idéia foi emprestada de Darwin e paleontologistas como G. de Laporta, *Orgens da Vida sobre o Globo*, a fonte mais próxima, os quais opinaram que é possível que uma parte dum organismo continue a desenvolver enquanto outro órgão deixe de progredir. Com a queda de Roma, a civilização descontinuou a sua evolução política e social, embora o desenvolvimento moral e religioso progre-

disse, segundo o poeta açoreano. Esta crença parece ser a mais original de Antero sôbre a Idade Média.

Dois meses depois de ter aparecido esta resenha, Oliveira Martins publicou uma forte contestação no *Jornal do Comércio*. (18) Antero, contudo, recusou adiantar a discussão e sugeriu simplesmente que o seu amigo deixasse a preocupação com o livro e que o relesse depois duma temporada. Era, porém, outro intelectual português que continuaria a polémica: Júlio de Vilhena. O autor das *Raças Históricas da Península Ibérica e a sua Influência no Direito Português* rejeitou completamente a teoria tradicional de Oliveira Martins. Por outro lado, o Conselheiro Júlio de Vilhena aceitou a teoria do avanço moral da Idade Média e elogiou o poeta açoreano, qualificando-o como um pensador profundo; não obstante os seus estudos do direito medieval português, lhe comprovou que a Idade Média também representa uma evolução política e social na civilização europeia. (19)

Durante a década de 1870, o poeta dos Açores especulou ainda mais sôbre a Idade Média, a cristandade e a Transcendência em diversas cartas que dirigiu a Oliveira Martins. Depois de ter lido Michelet, Cournot e Humbolt, Antero começou a compreender o universo como uma evolução da Transcendência até a Imanência. (20) Outra carta indica que esta preocupação continuou mais dois anos; o poeta precisava de mais tempo para ponderar êstes temas e tirar conclusões. (21) Noutra carta a Oliveira Martins, 24 de julho de 1874, Antero concluiu que o cristianismo e a Idade Média eram necessários e lógicos na evolução da história e da cultura. (22) Era no ano de 1874, uma época na qual Antero sofria uma das crises psicológicas mais terríveis da sua vida.

Quatro ensaios saíram a princípio da década 1880 nas quais Antero fêz referência à Idade Média. O escritor português estudou a poesia europeia no ensaio «A poesia na actualidade,» chegando à conclusão que a poesia medieval, que refletia o dogmatismo do tempo, faltava dois elementos essenciais: a imaginação e a fantasia:

Este modo de ser contrafeito e doentio da consciência christian em parte alguma se torna tão sensível como na poesia da Idade Média. Aquelles trovadores, que suspiram segundo a arte sylogista, aquelle Dante, que põe na bocca dos condemnados a argumentação de doutores *in utroque*, aquelle Calderon, que põe en scena as virtudes thologães e os pecados mortaes, debatendo sabinas escolaricas, representam-nos o desequilíbrio dum estado psychológico. (23)

A inclusão de Calderón de la Barca, que personificava o barroco e a contra-reforma espanhóis, aconteceu, sem dúvida, devido à presença de numerosos temas e motivos medievais na obra do dramaturgo espanhol. Antero termina por dizer que um equilibrio entre a análise e a síntese só se dá na Renascença.

Antero compôs três ensaios sôbre a arte europeia durante estos três anos da sua produção literária. Em «Normandia e Bretanha,» (24) o púlpito medieval situa-se no centro da cathedral de Notre Dame, simbolizando a completa absorção religiosa da vida civil na época medieval. O ensaio anterior, «Casas nobres inglezas,» (25) louva o espirito independente da Itália medieval e dos estados do Reno e da Flandres. O último ensaio desta época que menciona a Idade Média é «Veneza,» (26) no qual a arte medieval, segundo Antero, é uma arte coletiva que atende ao gosto popular das massas. Foi no comêça da Renascença que a arte reflete um caráter individual.

Chegando ao fim da sua vida, outra preocupação começa a perturbar a mente de Antero. Nas cartas que escreveu a Oliveira Martins (27) e Jaime

Magalhães Lima (28) depois de 1880, o poeta exprimia o medo da existência dum nova Idade Média. Antero concebia do século XIX uma época de liberdade e inquirimento que evoluiria no futuro próximo numa cultura uniforme e dogmática igual com a época medieval. Esta preocupação assombraria o poeta açoreano até a sua morte em 1981.

Em conclusão, três fases diferentes caracterizam a atitude de Antero para a Idade Média. Na «época coimbrã» (1849-1865) e particularmente os últimos anos desta época, Antero abandonou as opiniões tradicionais sobre a cultura medieval e se deixou influir pela obra de Michelet, especialmente *Le Peuple*, *La Sorcière* e *La Bible de l'Humanité*, obras publicadas antes de 1865. Segundo o francês, a Idade Média julgava o instinto natural do homem por perverso e a liberdade, o instinto e o amor se condenaram. Antero aceitou estas opiniões e outras aprovadas por Michelet. Para Antero, a unificação, a sistematização e a uniformidade esmagavam o espírito livre e natural do homem. Para Michelet e Antero o dogma e a unidade são palavras detestáveis, ainda que o português não mostre uma atitude negativa para com a filosofia medieval. No último ensaio em que Antero fala da Idade média, «Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XII,» Antero considera o escolasticismo e o tomismo como tendências lógicas e inevitáveis na história do pensamento europeu, e desta maneira separando-se do positivismo que dominava na época. Todavia, rejeitou estes sistemas filosóficos medievais assim como o catolicismo. Buscava um Deus humano, e desejava encontrá-lo na natureza. O Deus da Idade Média europeia era uma entidade onipotente que toda a humanidade temia.

Depois dos seus anos em Coimbra, Ibéria chegou a ser o tema principal da prosa anteriana. O seu conceito da Idade Média assume um tom mais brilhante quando o poeta reflete na história e civilização peninsulares. Michelet mesmo, nos seus livros iniciais, considerava a Igreja e a Idade Média como forças positivas que representaram o povo e unificaram a França. Por outro lado, o seu conceito da Ibéria foi mas negativo como mostra um estudo recente de Victor Sans. (29) Antero, porém, não podia aceitar um conceito negativo da Ibéria medieval, e teve que abandonar, até certo ponto, as opiniões do historiador francês. O português via uma diversidade sadia nos reinos independentes da Ibéria, a força vital da sua epopeia e livros de cavalaria, a independência das suas igrejas de Roma, e os seus reis que tomavam o partido do povo e cujo governo não era absoluto. A conformidade e o absolutismo da contra-reforma foram as causas da decadência das nações hispânicas.

Nos últimos anos da sua vida, Antero pensava frequentemente sobre a Idade Média. Para êle, a Idade Média chegou a ser uma fase inevitável na evolução da Europa, mas uma época que êle desejava não voltar jamais.

Tennessee Technological University
Cookeville, Tennessee, U.S.A.

NOTAS

(1) Diversos estudos pretendem mostrar a relação pessoal e literária entre Michelet e Antero de Quental. Talvez o mais importante seja: Alberto Sampaio, «Antero de Quental. Recordações,» In *Memórias* (Pôrto: Mathieu Lugan, 1896), pp. 16-19.

(2) Pelos primeiros ensaios de Antero, citamos a edição moderna de António Salgado Junior, *Prosas da época de Coimbra* (Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1973), p. 4.

(3) *Ibid.*, pp. 46-48.

(4) Albin Eduard Beau, **Antero de Quental perante a Alemanha e a França-Reflexões e Reacções** (Coimbra: Instituto Alemão da Universidade de Coimbra), pp. 4-5.

(5) Theófilo Braga, **Antero de Quental**. In **Memórias. Rodrigues de Freitas. Comemoração biográfica** (Lisboa: Tipografia da Companhia Nacional, 1906), pp. 10-11.

(6) José Bruno Carreiro, **Antero de Quental** (Lisboa: Livraria Moraes, 1948), II, 317. Sobre a admiração que Antero sentia para o estilo de Michelet, vejam-se João Gaspar Simões, **Antero de Quental** (Lisboa: Presença, 1962), pp. 131-32.

(7) (Paris: F. Chamerot, 1864), pp. 459-80. Estas páginas parecem ter influído o conceito da Idade Média na obra anterioriana.

(8) **Prosas da época de Coimbra**, p. 192.

(9) *Ibid.*, p. 193.

(10) *Ibid.*

(11) *Ibid.*, p. 268.

(12) *Ibid.*, p. 208.

(13) *Ibid.*, p. 213.

(14) **Antero de Quental. Prosas**. (Lisboa: Couto Martins, 1923-1931), II, 66.

(15) *Ibid.*, II, 96-96.

(16) *Ibid.*, II, 258. Oliveira Martins baseia o seu conceito da Idade Média na obra de Michelet, Proudon e outros: **Obras completas. Teoria do Socialismo** (Lisboa: Guimarães, 1952), p. 195.

(17) *Ibid.*, II, 261-64.

(18) **A Idade Média na História da Civilização**, ed. F. d'Assis d'Oliveira Martins (Lisboa: A. M. Pereira, 1925), pp. 23-24.

(19) *Ibid.*, p. 42.

(20) **Cartas inéditas de Antero de Quental a Oliveira Martins**, ed. F. d'Assis d'Oliveira Martins (Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931), pp. 8-11. Carta de 26 maio, 1871.

(21) Carreiro, p. 456.

(22) **Cartas inéditas**, p. 29.

(23) **Antero de Quental. Prosas**, II, 315-16.

(24) *Ibid.*, II, 353.

(25) *Ibid.*, II, 387.

(26) *Ibid.*, II, 413.

(27) **Cartas inéditas**, pp. 127-28.

(28) Carreiro, I, 352-53.

(29) «Michelet y la historia de España,» **Revue Hispanique**, 79 (1977), 53-97.